

## **Professoras negras na pós-graduação em Ciência da Computação: uma proposta de pesquisa**

**Ecivaldo S. Matos<sup>1</sup>, Maria José dos Santos<sup>2</sup>, Juliana M. S. Oliveira<sup>1</sup>, Ana Carolina C. Ferreira<sup>1</sup>, Emilayne F. Corlett<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Departamento de Ciência da Computação – Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Caixa Postal 15.064 – 91.501-970 – Salvador – BA – Brazil

<sup>2</sup>Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Recife, PE – Brazil

ecivaldo@ufba.br

***Abstract.** Demographic data have shown increased participation of black people in higher education. This increase is not equitable to all knowledge areas neither for all genders. However, with regard to graduate courses, there is no conclusive studies on the participation of black women on the faculty of graduate programs in Computer Science. In this sense, this article presents a work-in-progress that aims to identify and analyze, in a pilot study, the presence and role of black women as teachers in graduate programs in Computer Science from Brazil.*

***Resumo.** Dados demográficos tem mostrado aumento na participação de negros no ensino superior. Sabe-se que esse aumento não é equitativo para todas as áreas de conhecimento nem para todos os gêneros. Todavia, no tocante à pós-graduação, não há estudos conclusivos sobre a participação de mulheres negras no corpo docente de programas de pós-graduação em Ciência da Computação. Nesse sentido, este artigo apresenta uma proposta de pesquisa em andamento que pretende identificar e analisar, em um estudo piloto, a presença e a atuação de mulheres negras como professoras em programas de pós-graduação em Ciência da Computação do Brasil.*

### **1. Introdução**

Dados apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) revelam forte disparidade entre a população branca e a negra em vários indicadores educacionais. Hoje, temos 47,7% que se declaram brancos, 43,1% pardos, 7,6% pretos, 1,1% amarelos e 0,4% indígenas. Somando-se os quantitativos de pretos e pardos, teríamos 50,7% de negros (IPEA, 2014).

Ainda que tenhamos indicativos de avanços decorrentes da implementação de políticas afirmativas de acesso à educação superior, é fato que a baixa proporção de negros e negras a concluir o ensino médio continua a ser um entrave à equalização do acesso entre negras(os) e brancas(os) (IPEA, 2014). E o que se dizer daqueles que seguem a carreira de pesquisador e professor do magistério superior?

Segundo Lima (2002), "as universidades continuam a reproduzir o androcentrismo e a representar seus espaços como masculinos, principalmente em se

tratando da pesquisa, da direção e da administração institucional [...]" (p. 53). Ainda assim, no imaginário da população temos a pessoa que desenvolve ciência como uma construção simbólica do homem branco e aburguesado. Mas segundo Lima (2002), a real imagem da ciência no Brasil tem mudado nos últimos anos, ainda que o imaginário social demore mais a mudar. Em 2002 já éramos formados por cerca de 44% de mulheres, sendo maioria nas faixas etárias mais jovens.

Todavia, ao analisar esses dados, percebe-se outro aspecto ainda latente, a dicotomização de áreas pelo gênero. Segundo Lima (*ibid*), "a maioria masculina está concentrada nas ciências agrárias, exatas, sociais, engenharia e computação, enquanto a maioria feminina está nas ciências biológicas, da saúde, humanas, letras e artes." (p. 54, grifo nosso). No campo da Ciência da Computação, a experiência cotidiana tem mostrado que apesar de universo de estudantes ter-se modificado ao longo dos anos, a presença está longe de ser equitativa, seja no tocante aos gêneros, seja no tocante às raças/etnias.

Segundo Medeiros (2014), primeira mulher a presidir a Sociedade Brasileira de Computação (SBC), o crescente desinteresse de mulheres pela profissão tem desencadeado diversos programas estratégicos nos países da América do Norte e Europa para atrair mais mulheres aos cursos de Computação. No Brasil, desde 2007, anualmente ocorre o WIT (*Women in Information Technology* - Mulheres em Tecnologia da Informação), um *workshop* para discutir assuntos relacionados a questões de gênero e tecnologia. Além dessa iniciativa, a SBC articula nacionalmente o Programa Meninas Digitais. Iniciativas como essa mostram a preocupação da SBC em promover ações para diminuir as diferenças dentro da área. Mas isso ainda é muito pouco, pois a busca pela equidade passa por questões de gênero, mas também por questões étnico-raciais.

Entendemos que muitos são os desafios para ser docente negra(o) em um departamento e em um programa de pós-graduação e, além disso, exteriorizar preocupações para além dos limites epistemológicos disciplinares da ciência exata, especialmente nas ciências historicamente mais prestigiadas, como as Engenharias, de onde a Ciência da Computação possivelmente herdou o seu pseudo-prestígio.

Dada a pluralidade de potenciais questões de pesquisa, neste estudo nossa questão de pesquisa norteadora será:

- Qual é o quadro atual da presença e da atuação de mulheres negras no corpo docente da pós-graduação em Ciência da Computação no Brasil?

Nesse sentido, está em curso um *estudo piloto* para identificar e analisar a presença e atuação de mulheres negras como professoras nos programas de pós-graduação em Ciência da Computação.

## 2. Fundamentação teórica

Desde os primórdios da colonização, o acesso à educação se estruturou de forma diferenciada em relação aos diversos grupos sociais. Nos estudos de História da Educação, predomina a ideia de que a população negra escravizada ou livre não teve acesso ao sistema educacional. Estudos recentes, no entanto, como o de Fonseca (2009)

tem demonstrado que, em determinados locais, populações negras e pobres também estiveram na escola elementar do século XIX.

Nesse contexto, podemos identificar o surgimento de mobilizações da população negra e a criação de organizações que começam a pautar em suas lutas questões relacionadas à educação, como enfatizam Gomes e Silva (2000).

O atual contexto histórico evidencia que movimentos negros em toda parte do Brasil incorporam as lutas em prol da presença negra nas instituições de ensino, de modo equitativo, e no combate à discriminação. A história das mulheres negras brasileiras, nesse contexto, está atrelada a um passado repleto de obstáculos na trajetória de formação deste país, enfrentados pela população negra, com consequências que perduram até os dias atuais.

São muitos os desafios para que as mulheres negras possam superar tais obstáculos, porém no decorrer de sua história, elas aprenderam a utilizar suas experiências de vidas e transformá-las em armas, com as quais foram enfrentando os diversos obstáculos e, em sua maioria, superados, especialmente no processo de construção da cidadania de seu povo.

Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, recebe remuneração menor que o homem, e poucas conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial, ascendendo socialmente (Santos, 2014). Segundo Santos, as mulheres negras são as que até hoje carregam o mito da mulher sexuada, visão concebida em uma sociedade patriarcal onde sempre se determinou o poder dos homens sobre a mulher.

Essas mulheres estão em um campo de disputa e necessitam comprovar sua competência profissional, lidando com o preconceito e a discriminação racial que lhes impõem maiores desafios para a conquista do ideal sonhado e desejado. A questão de gênero é um complicador, mas quando somada à de raça, se traduz nas maiores dificuldades. A discriminação racial na vida das mulheres negras é constante. Apesar disso, muitas constituíram estratégias próprias para superar as dificuldades decorrentes dessa problemática. (SANTOS, 2014, p. 58)

As lutas da população negra, especialmente das mulheres negras, para conquistarem melhores cargos no mercado de trabalho exigem uma força maior do que outros setores da sociedade. Acreditamos na possibilidade de a população negra se identificar e conviver em uma realidade menos repressora, especialmente para as mulheres negras.

### 3. Metodologia

Dada a natureza do nosso objeto de investigação, essencialmente descritivo-analítico, e dos nossos objetivos de pesquisa, utilizaremos duas técnicas fundamentais para coleta de dados (em duas etapas): (i) *survey* e (ii) entrevista.

Na primeira etapa, aplicar-se-á *survey* elaborado no formato eletrônico e enviado aos coordenadores dos programas de pós-graduação em Ciência da Computação, após pré-testes e contato prévio com esses coordenadores para apresentação da pesquisa. Para

análise, os dados serão tabulados e sumarizados por meio de descrições, tabelas e gráficos.

Na segunda etapa, será realizada entrevista apenas com alguns professores pré-selecionados e contatados de acordo com um conjunto de critérios a serem definidos. O objetivo será aprofundar a percepção sobre a atuação de alguns desses professores negros/as na carreira acadêmica em Ciência da Computação, na busca pela identificação de elementos não levantados no *survey* e/ou esclarecimento de pontos que mereçam mais detalhamento. Dado o tempo previsto para a pesquisa, consideraremos a priori o máximo de três entrevistados. Para análise consideraremos a perspectiva da *Grounded Theory* para composição dos códigos e categorias de análise.

### **Cuidados éticos**

Para participar da pesquisa, os sujeitos deverão ler e aceitar o(s) Termo(s) de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse documento possuirá explicações acerca da natureza da pesquisa, local de realização da pesquisa, informações sobre os pesquisadores e financiadores, objetivos, contatos, sigilo da identidade e esclarecimentos sobre a voluntariedade da participação.

### **4. Agradecimentos**

Agradecemos à *Fundação Carlos Chagas* pelo provimento de recursos para financiamento desta investigação.

### **Referências**

- Fonseca, M.V. (2009) População negra e educação: o perfil racial das escolas mineiras no século XIX. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Gomes, L.A.O.; Silva, B.P.G. (2000) Movimento Negro e Educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, p.134 - 156, set./out./nov./dez.
- IPEA (2014) (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada). Políticas Sociais: acompanhamento e análise. Anexo Estatístico. Brasília, n. 22. 40 p. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/politicas\\_sociais/140930\\_bps22\\_anexo.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/politicas_sociais/140930_bps22_anexo.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2016.
- Lima, N.R.L.B. (2002) As mulheres nas ciências: o desafio de uma passagem... a passagem do privado para o público. In: Costa, A.A.A.; Sardenberg, C.M.B. (Org.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA. p. 51-65.
- Medeiros, C.B. (2014) Grandes desafios e mulheres na Computação. In: Bigonha, R.S. et alii. (Org.) *Memórias da Sociedade Brasileira de Computação*. Porto Alegre: SBC. p. 125-137.
- Santos, M.J. (2014) *Trajetória Educacional de Mulheres Quilombolas no Quilombo das Onze Negras dos Cabo de Santo Agostinho - PE*. Recife: Ed.Universitária da UFPE.